

Rui Calçada Bastos
CABIN FEVER

CABIN FEVER é uma peça de Rui Calçada Bastos que explora os limiares experimentais da viagem e enquadra uma visão peripatética. Esta peça estará patente ao público entre 23 de Abril e 23 de Maio de 2009 na Appleton Square. Esta exposição resulta de uma colaboração entre a Vera Cortês Agência de Arte e a Appleton Square.

Esta instalação combina uma selecção de 8 fotografias de grande formato com uma intervenção estrutural, em que o artista construiu um labirinto através do qual os visitantes têm de deslocar-se, para conseguirem ver as imagens de perto. Ao contrário da forma como se espera habitualmente deslocar-se através de um espaço expositivo, CABIN FEVER explora a desestabilização das nossas perspectivas ao obrigar à sensação de uma deslocação constante dos nossos eixos de navegação.

A série de fotografias da instalação representa o trabalho desenvolvido ao longo de mais de um ano, mostrando uma narrativa fragmentada e não linear das viagens do artista. Captadas em diversas viagens de avião, cada fotografia enquadra um ponto de vista restringido pelo lugar à janela atribuído a Calçada Bastos. A escolha de uma vista de trás do estranho que dormita no lugar à sua frente, em vez de um retrato frontal, exprime uma estética formal muito própria e revela também a parcialidade da perspectiva individual. Em consequência, o artista exprime através da sua visão a impossibilidade de conhecer o Outro que espelha a opacidade do Eu.

É certo que as horas em que existimos suspensos no ar são as horas em que vivemos num limbo. Milhares de metros acima do solo, fusos horários e contornos de continentes começam a convergir. As rotinas que levamos a cabo diariamente e de acordo com horários estabelecidos transformam-se em sequências intermitentes de movimento. Frequentemente, dormimos quando normalmente estaríamos acordados, acordamos quando deveríamos estar a dormir. O acto de viajar, de andar “na estrada”, torna-se num acto de modificação que afecta os nossos ritmos de vida diários, pelo menos durante o tempo em que nos encontramos presos nesse não-lugar de sonambulismo. De um modo semelhante ao sono, a mente vagueia entre a consciência e o sonho. Neste espaço liminal, não nos é possível nomear um ‘aqui’ ou ‘ali’, nem dizer se ‘chegámos’ ou ‘partimos’. Ao deslocarmo-nos através da estrutura semelhante a um labirinto construída por Bastos, revivemos inconscientemente os nossos movimentos e modos de existência a bordo dos aviões. Os limiares das fronteiras geográficas e do tempo podem parecer entrar em colapso nesta situação, porém os nossos espaços físicos e privados encolhem simultaneamente. Quantas vezes nos ocorre a mesma ideia perturbante de que, de algum modo, estamos a respirar o mesmo oxigénio limitado, o mesmo ar reciclado?

Enquanto a noção de viagem e de estar num não-lugar é frequentemente associada a uma visão utópica, universal de liberdade global e de liberdade de movimentos, o seu oposto é uma distopia – a da claustrofobia, que em inglês se traduz na expressão idiomática “cabin fever” (febre de cabine). Esta expressão idiomática e quase mítica na sua descrição refere-se a uma reacção claustrofóbica que se pensa ser um síndrome psicológico que ocorre quando uma ou várias pessoas ficam confinadas ao mesmo espaço por um longo período. A peça CABIN FEVER de Rui Calçada Bastos evoca uma vívida reflexão das associações românticas e anti-românticas da viagem num gesto singular e poético.

“Agora, por detrás do moderno azul deste aeroporto de vidro, ela descansa como uma borboleta nocturna que dorme, a sua sombra de contornos vagos estende-se pelo chão, lançada por uma imperfeita fonte de luz. Um fantasma apanhado num qualquer momento inexacto, invocando aquilo que os vivos queres esquecer. Quase a reconheço. Sento-me a seu lado por alguns instantes, olhando para o tarmacadame por detrás da galeria de observação. Aí, um Boeing 747 espera, na diagonal, à nossa frente. Aí, o pessoal de terra anda sem pressa por uma pista vazia. Algumas estrelas esbatem-se em manchas laranjas e brancas pinceladas num céu que clareia gradualmente.

Estou longe de ser aquilo a que se chamaria romântica, apesar de apreciar este espectáculo natural de mudança que se desenrola perante mim; aquilo que me acompanha e que é independente da minha existência.

Da noite à madrugada. Da madrugada ao dia. Céu. Céu azul.

As luzes de navegação vermelhas acendem e apagam-se nas asas do avião.

Uma vaga de claustrofobia abate-se sobre mim. Viajo demasiado.

A fadiga perdura. Náusea. Sinto as pálpebras pesadas; estou prestes a ser arrebatada de novo pelo sono à hora errada. Já perdi alguns voos assim, acordando em cima da hora; a quilómetros de distância, com a sensação de ter nascido tarde demais.”

Texto de Eliza Tan, escritora e curadora
Excerto de ‘1001 Nights, Reworked’ (Eliza Tan, 2008)

Rui Calçada Bastos' CABIN FEVER, a work which explores the experiential borders of travel and frames a peripatetic vision, showcases from the 23 April – 23 May 2009 at Appleton Square. This exhibition presents a new collaborative endeavor between Vera Cortês Art Agency and Appleton Square.

Presenting a selection of 8 large-format photographs, the installation is combined with a structural intervention, where the artist has constructed a labyrinthine grid through which viewers must maneuver, in order to view the images up close. Contrary to how we may habitually expect to move through an exhibition space, CABIN FEVER thus probes at the destabilization of our perspectives by necessitating the sensation of constantly shifting navigational axes.

The series of photographs in the installation was developed over the span of more than a year, presenting a non-linear, fragmentary narrative of the artist's journeys. Taken on different plane trips, each photograph frames a restricted viewpoint from Bastos' allocated window seat. Rather than a full frontal portrait, the rear view of the dormant, dozing stranger occupying the seat in front expresses a formal aesthetic of its own, yet also reveals the partiality of individual perspective. Consequently, the artist expresses through his vision the unknowability of an Other that mirrors the opacity of our Selves.

Certainly, the hours of our existence in mid-air are the hours in which we live in a state of limbo. Miles above the ground, time zones and outlines of continents begin to converge. Routine activities that we normally perform from day to day and to a particular time schedule morph into interrupted sequences of movement. Oftentimes, we sleep when we would normally be awake, waking when we would otherwise sleep. The act of traveling, of being "on the road", becomes an act of modification that affects our daily rhythms of living, at least for the duration in which we find ourselves caught in this somnambulist non-place. Akin to being in a state of sleep, the mind roams between consciousness and dream. Within this liminal space, we can neither name a 'here' nor a 'there', or say that we have 'arrived' or 'departed'. Moving within the maze-like structure of Bastos' work, we unconsciously re-enact our movements and modes of existence on board airplanes. The boundaries of geographical borders and time may seem to collapse in this situation, yet our physical and private spaces simultaneously shrink. How many times does the disturbing notion occur, that we are somehow breathing the same limited oxygen, recycled air?

While the notion of travel and of being in a non-place is often associated with a utopian, universalizing vision of global liberty and of the freedom of movement, its opposite is a dystopian one – that of cabin fever. Idiomatic and almost mythic in its description, cabin fever refers to a claustrophobic reaction, mostly believed to be a psychological syndrome, that occurs when a person or persons are confined in the same space for an extended period. Rui Calçada Bastos' CABIN FEVER evokes a vivid consideration of the romantic and anti-romantic associations of travel in a single, poetic gesture.

*"Now behind the modern blue of this glass airport, she rests like a sleeping black moth, her vague umbra cast across the floor from an inchoate source of light. A ghost caught in some inexact moment, calling into being what the living wish to forget. I almost know her. I sit for awhile beside her, looking out at the tarmac beyond the viewing gallery. Here, a Boeing 747 sits diagonally across us. There, ground aviation crew stroll across a clear runway. Leftover stars recede into orange and white streaks smeared across a gradually lightening sky.
I am far from someone you would call romantic, although I am enjoying this natural spectacle of change before me; that which always follows after me and despite of me.
Night to dawn. Dawn to day. Sky. Blue sky.
The red navigation lights on the aircraft wings blink on and off.
A rush of claustrophobia hits me. I travel too often.
Fatigue lingers on. Nausea. My eyelids grow suddenly heavy; at the brink of being stolen again by sleep at the wrong hour. I have missed a few flights this way before, waking up short of the clock; miles away, with the feeling that I was born too late."*

Text by Eliza Tan, Writer & Curator
Excerpt taken from '1001 Nights, Reworked' (Eliza Tan, 2008)

Com o apoio/sponsored by:



CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS

APPLETON SQUARE

from 23rd of April to 23rd of May 2009



CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



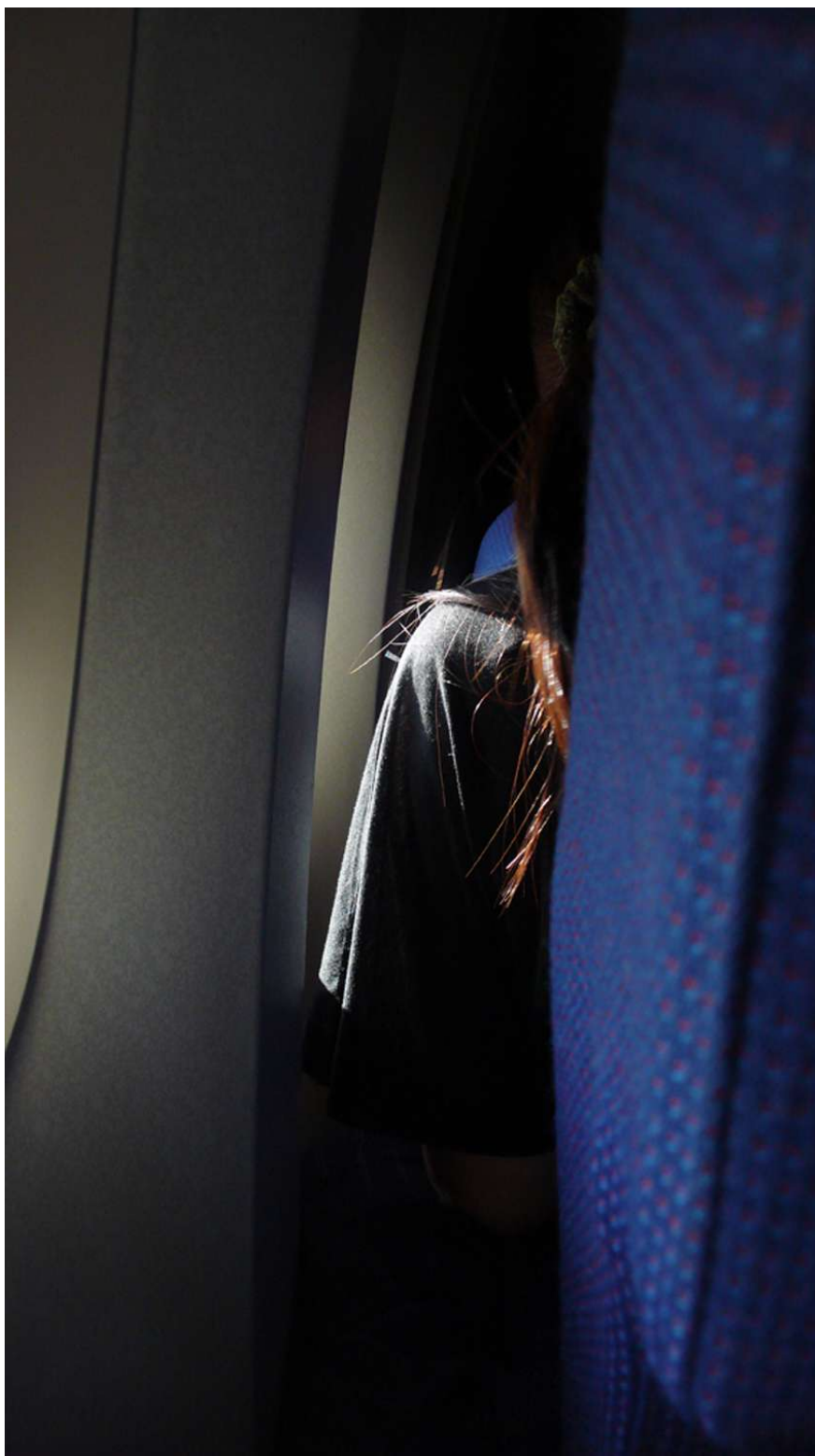
CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



CABIN FEVER

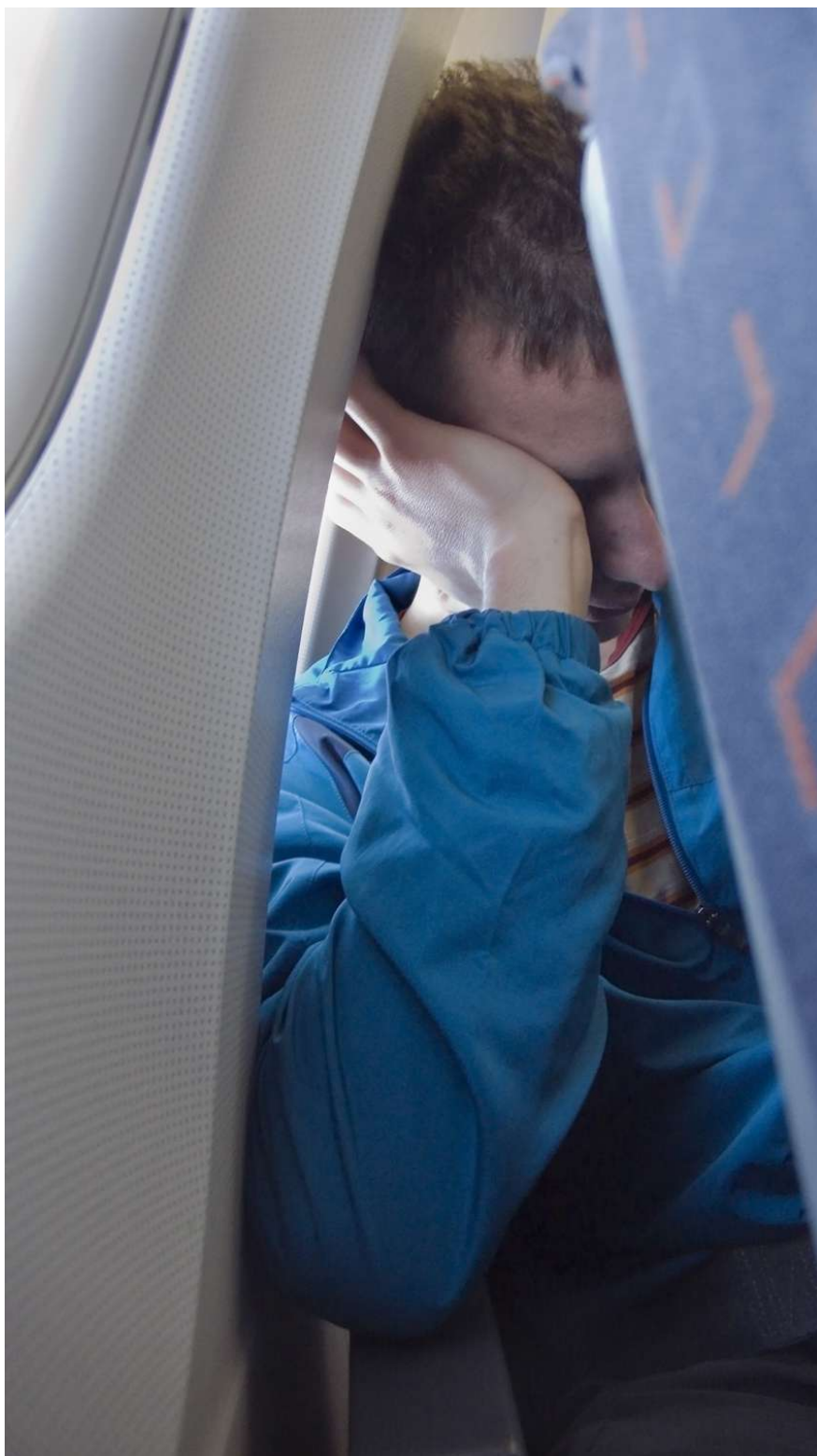
RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 1 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 2 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 3 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

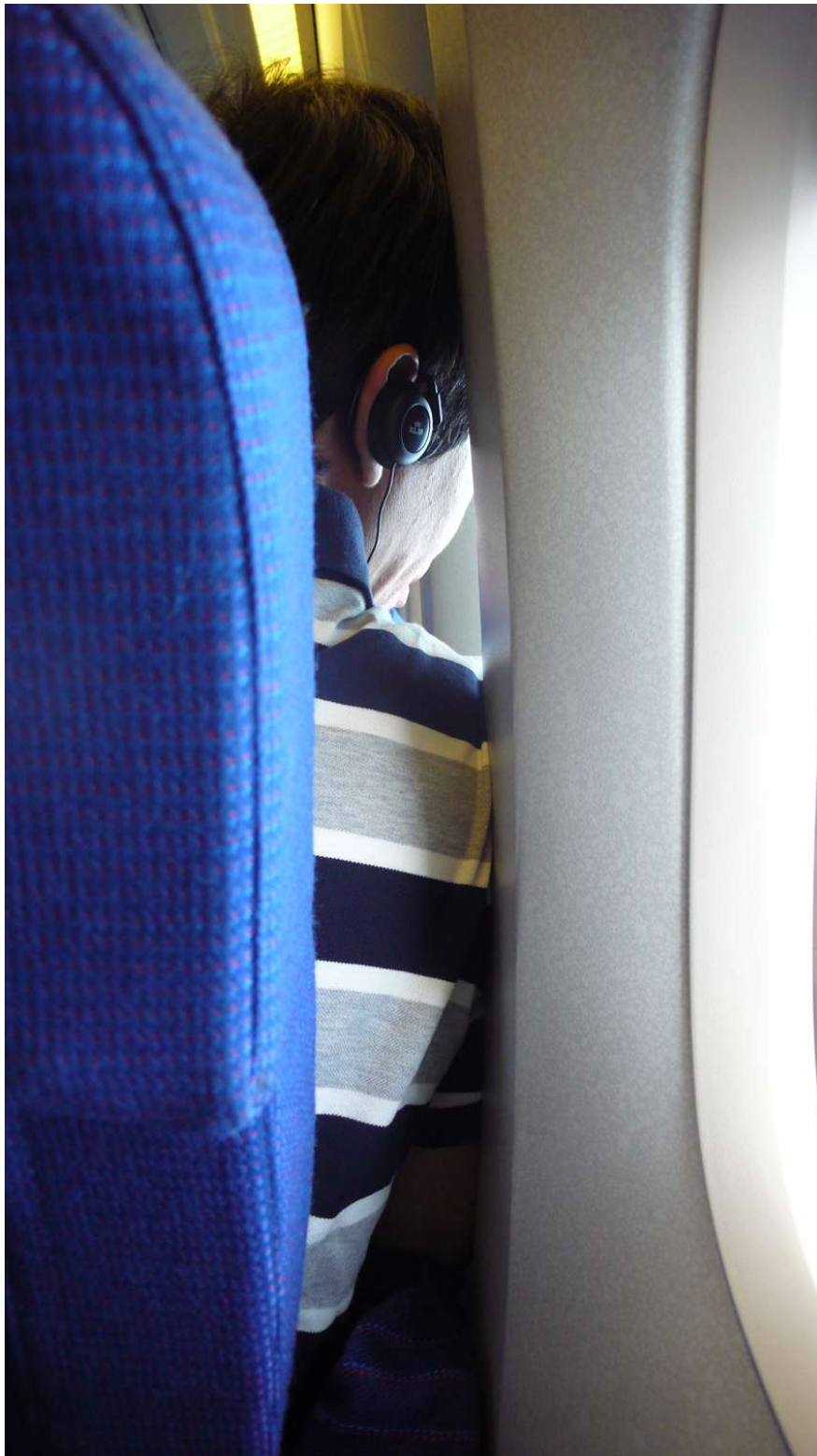
RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 4 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

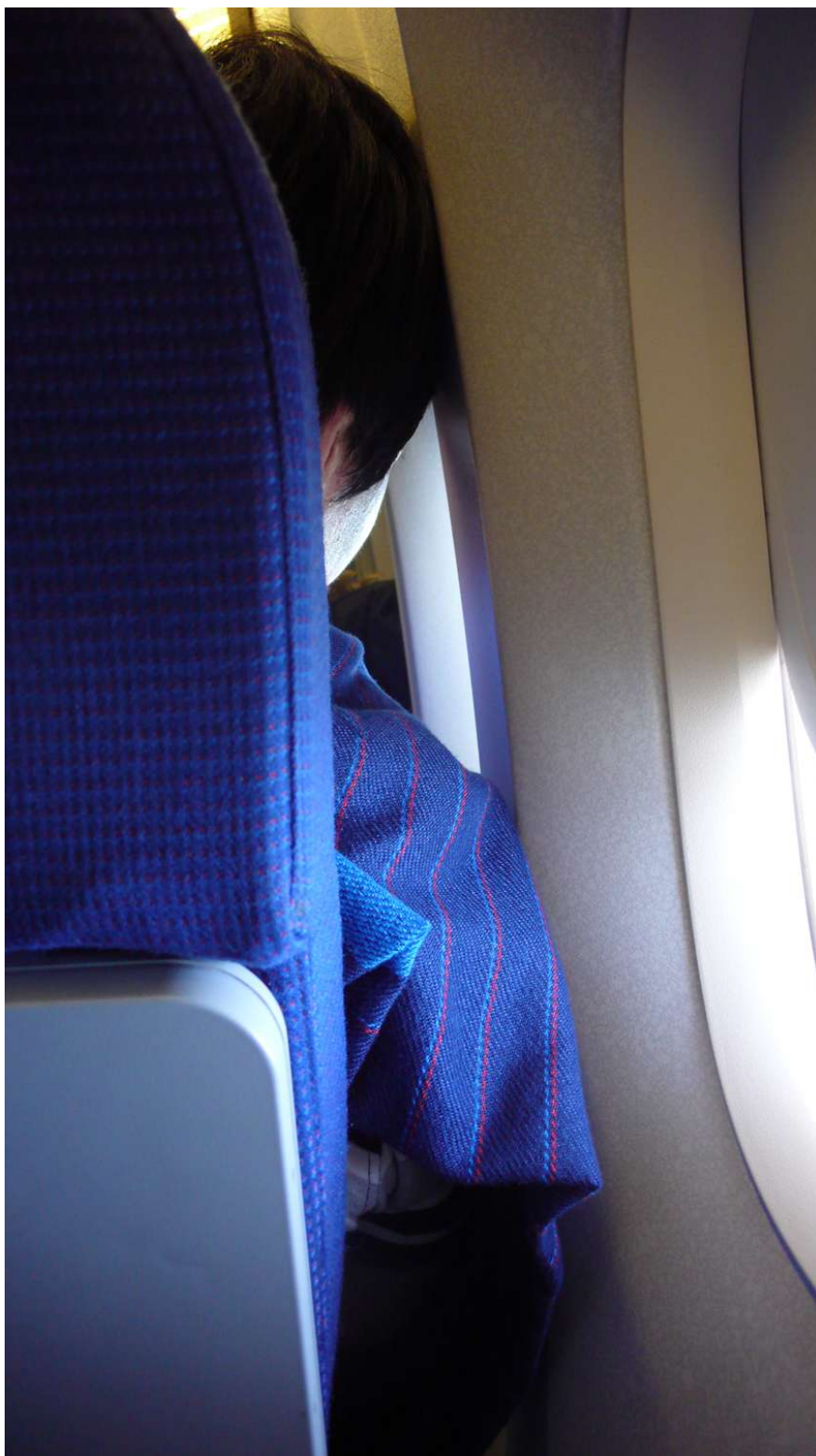
RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 5 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 6 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

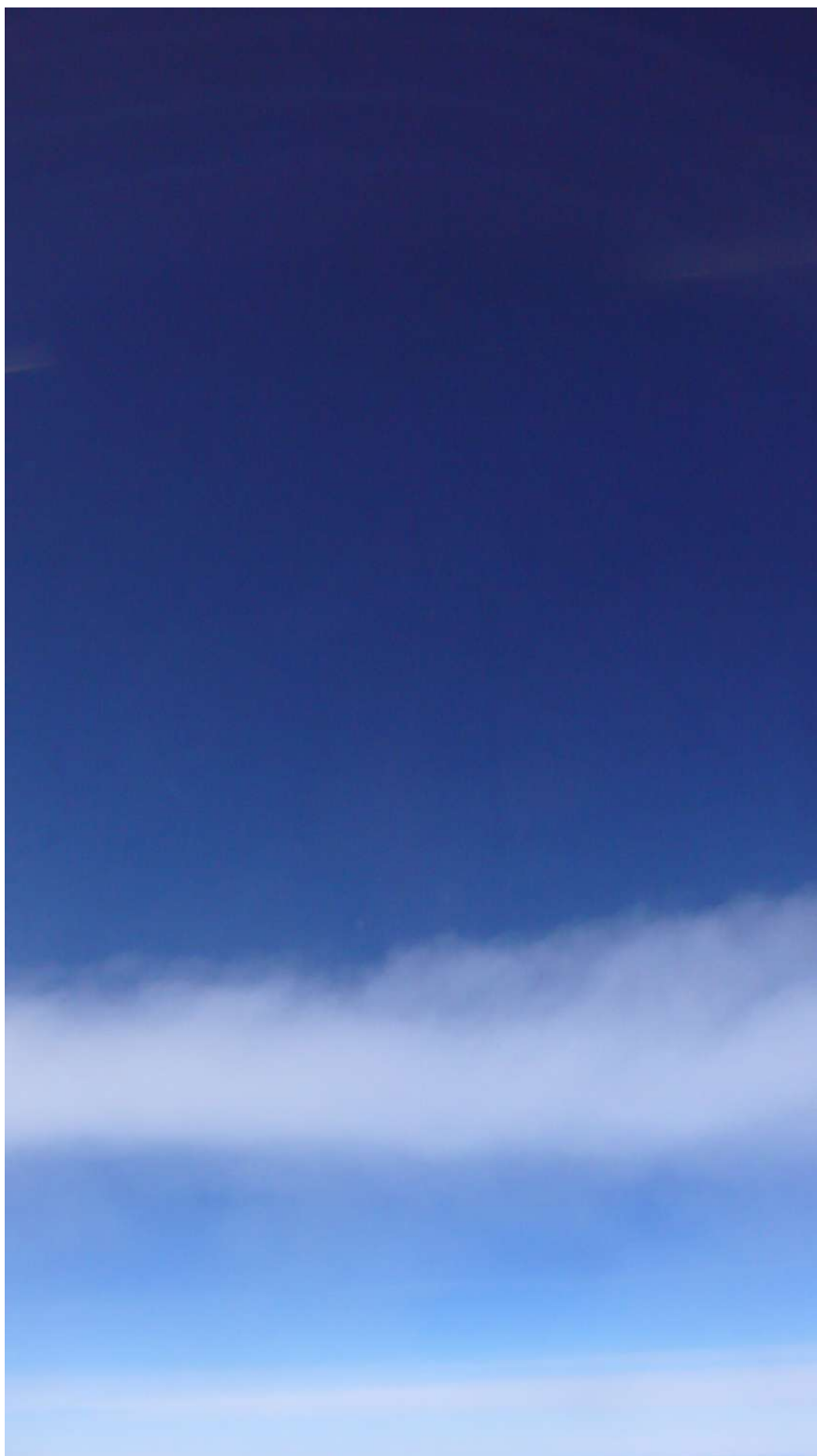
RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 7 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte

CABIN FEVER

RUI CALÇADA BASTOS



From the series Cabin Fever # 8 | 2008/2009 | 140 x 78,5 cm | inkjet print on photographic paper Premium semimatte